



**VALOR  
COMPARTILHADO**

## **Cá Entre Nós**

**CONECTAR PESSOAS E  
TRANSFORMAR REALIDADES:  
O LEGADO DO PROGRAMA  
CAMINHOS PARA A LAGOINHA**

## **Na Prática**

**CONHECER O PASSADO  
PARA COMPREENDER O  
PRESENTE: LAGOINHA  
ONTEM E HOJE**

## **Terceiro Setor em Foco**

**A POTÊNCIA  
TRANSFORMADORA  
DO TERCEIRO SETOR  
NA LAGOINHA**



## UM LEGADO A PARTIR DA ARTE DO ENCONTRO

Celebrar histórias de transformação é, antes de tudo, reconhecer a força do encontro. **O Programa Caminhos | Fase IV – Edital Lagoinha** nasceu da conexão entre o CeMAIS e as Organizações da Sociedade Civil (OSCs) atuantes na Lagoinha, região histórica e pulsante de Belo Horizonte.

Nesta edição especial da **Valor Compartilhado**, abrimos as páginas para compartilhar o impacto do investimento estratégico na promoção de projetos locais, traduzindo o genuíno significado de conectar pessoas, transformar realidades e potencializar as iniciativas do Terceiro Setor. Portanto, convidamos você, querido(a) leitor(a), a percorrer este potente caminho:

“**Cá Entre Nós**” traz uma reflexão sobre os resultados do edital “Caminhos para Inclusão: Chamada de Projetos para a Região da Lagoinha” e a importância de se construir junto.

A partir de um contexto histórico, “Na Prática” mostra que a Lagoinha é mais do que um território geográfico, é um organismo vivo moldado pela pluralidade de vozes, memórias e afetos de quem a habita.

No “**Terceiro Setor em Foco**”, conheça as iniciativas das organizações sociais contempladas pelo Programa Caminhos.

Com o “**Realizando Sonhos**” o impacto social ganha rosto e voz no perfil de três mulheres atendidas por instituições selecionadas pelo programa. Elas compartilham como o Terceiro Setor foi o catalisador para que reescrevessem suas próprias histórias.

O “**Tecendo Redes**” documenta o papel transformador das OSCs na construção da autonomia de territórios vulneráveis.

“**Fazendo a Diferença**” mostra como o voluntariado se consolida como um importante motor de transformação, unindo assistência, cuidado e desenvolvimento local.

As linhas do “**Com a Fala Quem**” reafirmam que territórios vulneráveis se tornam mais seguros e democráticos quando há presença qualificada do Estado, fortalecimento comunitário e oportunidades concretas.

“**Formação**” traz um olhar prático sobre como o uso de dados e Inteligência Artificial, aplicados de forma estratégica, fortalecem a atuação do Terceiro Setor.

Cada seção desta revista é um convite para enxergar a Lagoinha e as instituições do Terceiro Setor sob uma nova ótica, por meio da empatia, empoderamento e transformação.

Boa leitura!

# VALOR COMPARTILHADO

---

Marcela Giovanna, Diretora-presidente do CeMAIS  
Aline Seoane, Diretora-executiva do CeMAIS

Equipe Programa Caminhos:  
Pâmella Noronha, Coordenadora  
Ana Flávia de Oliveira, Supervisora  
Kênia Pires, Analista

Coordenação editorial: Delânzia Junho  
Colaboração: Taiany Lima e Julia Caldas de Almeida  
Projeto gráfico e diagramação: Eduardo Sá  
Fotos: Camila Soares

---

[cemaais.org.br/valorcompartilhado](http://cemaais.org.br/valorcompartilhado) | [contato@cemaais.org.br](mailto:contato@cemaais.org.br)

Esta edição da Revista Valor Compartilhado foi produzida por meio do **Programa Caminhos | Fase IV – Edital Lagoinha**, realizado pelo CeMAIS em parceria com o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), o Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), o Ministério Público do Trabalho (MPT) e a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH).

**4** CÁ ENTRE NÓS

**8** NA PRÁTICA

**16** TERCEIRO SETOR EM FOCO

**24** REALIZANDO SONHOS

**32** TECENDO REDES

**38** FAZENDO A DIFERENÇA

**42** COM A FALA QUEM

**48** FORMAÇÃO



**CONECTAR PESSOAS E  
TRANSFORMAR REALIDADES:**

# **O LEGADO DO PROGRAMA CAMINHOS PARA A LAGOINHA**

No CeMAIS, acreditamos que as organizações são capazes de gerar impacto social. Com 20 anos de atuação, somos uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atua como um hub de soluções para o fortalecimento do Terceiro Setor. Nossas frentes de trabalho - que combinam o desenvolvimento institucional de organizações, o fortalecimento de conselhos de direitos, as alianças

intersetoriais e o monitoramento e avaliação de projetos - funcionam como ferramentas para garantir transparência, controle social e sustentabilidade às iniciativas socioambientais.

Em 2021, ainda durante os efeitos da pandemia de Covid-19, nasceu o Programa Caminhos, resultado de diálogos entre CeMAIS, Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), Ministério Público do Trabalho (MPT) e Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Estávamos especialmente preocupados em abrir novos caminhos para a inclusão socioeconômica de pessoas em situação de alta vulnerabilidade social.

De lá para cá, foram muitas as fases e ações realizadas nesse programa. Unindo arte, cultura e formação socioprofissional, consolidamos metodologias de fortalecimento de pessoas com trajetória de vida nas ruas, egressos do sistema prisional, mulheres em situação de vulnerabilidade da região leste de Belo Horizonte e organizações sociais da região da Lagoinha.

## Caminhos para a inclusão

Nas primeiras fases de execução do Programa Caminhos, entregamos a Belo Horizonte três lindas esculturas construídas coletivamente por pessoas que aprenderam um novo ofício e, assim, transformaram suas vidas e a cidade onde vivem. A terceira escultura, “A Voz do Vale”, uma homenagem a Alê do Rosário, importante ativista cultural e liderança quilombola de Minas Gerais, foi instalada no coração da Lagoinha.

Ao chegarmos no território, procuramos as lideranças e organizações para dialogar. Nossa atuação é marcada pelo

diferencial do “fazer com” e, escutando o Terceiro Setor da Lagoinha, identificamos a complexidade histórica da atuação na região, os vazios e as carências de investimentos ao longo dos anos.

Para atuar nessa realidade, na fase IV do Programa Caminhos, propusemos o edital “Caminhos para Inclusão: Chamada de Projetos para a Região da Lagoinha”, a fim de selecionar e apoiar, com um investimento total de 300 mil reais, propostas locais voltadas à economia criativa e geração de renda.



Arquivo CeMAIS



Júlia Fonseca/ CeMAIS

Assim, capacitamos as organizações do território para a elaboração de propostas para o edital e, depois, com as sete selecionadas, acompanhamos passo a passo, consolidando a gestão profissional como o alicerce para que os projetos florescessem com eficácia e propósito. Todo o processo foi regido pelos valores do CeMAIS: transparência em cada etapa, cuidado com as singularidades humanas, responsabilidade socioambiental, comprometimento com entregas qualificadas e colaboração mútua.

Gerenciar um projeto via edital foi uma experiência inédita para algumas organizações, o que trouxe desafios naturais desse processo de aprendizado. Estivemos ao lado delas, assessorando para que executassem as atividades alinhadas aos recursos financeiros estabelecidos, respeitando os fluxos de orçamentação, os processos de compras e a regularidade fiscal que são exigidos pelas normas institucionais.

E foi assim que acompanhamos:

a **APACC** realizar cursos de capacitação de gastronomia, artesanato e Microempreendedor Individual;

o **IEDS** realizar oficinas de tapeçaria e restauração de móveis para mulheres;

a **ADRA** criar um espaço mais acolhedor e funcional para o Centro Pop Lagoi-nha, promovendo o incentivo à autonomia e fortalecimento de vínculos;

a **Pastoral Nacional do Povo da Rua** oferecer oficinas de arteterapia e música e realizar uma exposição artística com apresentações culturais;

a **Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente** promover a formação identitária e corporal de moradores da Vila Senhor dos Passos, com grafite e canto coral;



Solenidade de assinatura dos termos de contemplação de projetos.

Júlia Fonseca/ CeMAIS

o **Instituto Pedra Viva** realizar três edições da Feira Popular da Periferia; e

o **Grupo M.A Cia de Dança** promover o acesso à arte e à cultura por meio de aulas de danças urbanas e balé para crianças e jovens moradores da Pedreira Prado Lopes.

As dezenas de horas de assessorias personalizadas e ferramentas de autoavaliação conduzidas pelo CeMAIS permitiram às OSCs aprimorarem seus processos de gestão, execução de projetos e prestações de contas. O resultado: estimuladas pelo aprendizado, as organizações do território já conquistaram a aprovação em outros editais.

Quando as instituições são apoiadas e fortalecidas, o resultado é inclusão social, desenvolvimento sustentável e melhoria da qualidade de vida da popu-

lação. Por meio dos projetos realizados, as pessoas atendidas não apenas ampliaram seus repertórios e habilidades, mas adquiriram uma nova percepção de si e do coletivo.

Agora que os caminhos do CeMAIS e das organizações da Lagoinha se cruzaram, nunca mais nos perderemos. A ponte que construímos tem base sólida, as sementes que plantamos já estão florescendo e seguimos aqui pertinho para impulsionar o ecossistema de impacto social com conexão, conhecimento e fortalecimento das organizações comprometidas com a transformação socioambiental. 

**Marcela Giovanna,**  
*Diretora-presidente do CeMAIS*



Foto de época: curraldelrei.blogspot.com / APM Foto atual: Camila Soares



# CONHECER O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE: LAGOINHA ONTEM E HOJE

---

Por **Kênia Pires**, Mestre  
em Antropologia e  
Analista do Programa  
*Caminhos/CeMAIS*

---

A Lagoinha é um dos bairros mais antigos e de maior importância histórica e cultural de Belo Horizonte, tendo surgido juntamente à construção da capital mineira, na última década do século XIX. Seus primeiros residentes foram imigrantes de vários lugares do mundo e de outras cidades de Minas Gerais que chegaram para trabalhar na construção do município, o que culminou em uma grande diversidade étnica e cultural. A região se constituiu enquanto um bairro operário, com forte sentimento de pertencimento entre os moradores, ficando conhecida pela sua efervescência cultural e boemia, com uma vida noturna repleta de música, restaurantes, bares e cabarés.



Caminhando, atualmente, pelas ruas do bairro, é possível contemplar os diversos elementos que traduzem sua riqueza e guardam sua memória, como os casarões antigos - tombados em 2016 em reconhecimento à sua importância histórica para a cidade. Os antiquários presentes na Rua Itapecerica também são locais que preservam a sua história, além de representar uma potencialidade econômica criativa para a região.

Do alto de um prédio na Rua Itapecerica, temos uma bela vista panorâmica da Pedreira Prado Lopes (PPL), antes chamada Pe-

dreira da Viação. O local é uma das cinco zonas de extração de onde foram tiradas as pedras para a construção de Belo Horizonte, tendo sido explorada por Antônio do Prado Lopes, engenheiro de 1ª classe da 3ª divisão da Comissão Construtora da Capital, fato que deu origem ao nome atual. A PPL é considerada a primeira favela de Belo Horizonte, sendo reconhecida como patrimônio cultural do município em função das diversas manifestações da cultura negra e operária preservadas em seu interior, que contribuíram para a formação da identidade coletiva da cidade.

Nas primeiras vezes que caminhei pelas ruas da Lagoinha, um mosaico social muito singular se apresentou para mim: bares, comércio, antiquários, casarões antigos e toda a riqueza cultural que compõe a localidade se misturam a uma paisagem que revela uma complexa realidade social, marcada pela vivência de vulnerabilidades diversas por sujeitos que ocupam aquele espaço. Entre as construções icônicas da região - como o Conjunto IAPI, o Mercado da Lagoinha e o Hospital Odilon Behrens -, salta aos olhos a grande concentração de pessoas vivendo nas ruas, muitas delas



Camila Soares

com processos de dependência química, que se abrigam, principalmente, debaixo dos viadutos.

Mas por que a Lagoinha, hoje, apresenta este cenário? Vamos voltar um pouco no tempo para compreender quais foram os processos sócio-históricos que contribuíram para a construção deste retrato.

### **De berço da capital a território fragmentado**

Desde o seu surgimento, a Lagoinha sempre esteve em uma localização estratégica, por ligar o centro a diversas regiões, como

Venda Nova, tendo sido um local de grande importância comercial durante o processo de urbanização de Belo Horizonte, principalmente em função de sua estação ferroviária, onde acontecia o desembarque de insumos destinados ao abastecimento da capital. Entretanto, no processo de estruturação da cidade, foi priorizado o investimento nas áreas centrais em detrimento das áreas suburbanas, e as infraestruturas básicas como iluminação e transporte chegaram ao local tardiamente. Simultaneamente, a Lagoinha se tornava a região suburbana mais populosa de

Belo Horizonte, com a chegada constante de pessoas em busca de oportunidades de trabalho, muitas delas ocupando terrenos na Pedreira Prado Lopes a partir de 1920.

Em função de sua localização estratégica, o bairro passou por uma descaracterização arquitetônica ao longo do século XX, a fim de suprir as necessidades urbanas de uma cidade que cresceu para além do esperado. Esse movimento começou no início da década de 1940, com a construção das avenidas Antônio Carlos e Pedro II, e atingiu o seu ápice

com a demolição da Praça Vaz de Melo, coração da Lagoinha, em 1981, para a construção do complexo viário. A partir desse marco, iniciou-se um processo de deterioração da região.

O bairro, como já mencionado, possuía uma vida comunitária intensa, de fortes vínculos entre seus moradores, além da efervescência cultural e econômica, englobando música, cinema, gastronomia, bares e comércios diversos. Contudo, as obras realizadas geraram sua fragmentação e esvaziamento, bem como a desvalorização da economia e cultura local e a incidência de “vazios urbanos”. Esses últimos, gerados pelas obras e por estruturas abandonadas, passaram a ser ocupados por grupos de pessoas em situação de rua e de dependência química, gerando conflitos sociais diversos que perduram até os dias atuais. Para além disso, a Lagoinha é uma região historicamente carente de investimentos, e essa realidade reflete ainda hoje nos problemas urbanos vivenciados por seus moradores.

### Construindo pontes

Para tentar minimizar os problemas sociais existentes e, ao mesmo tempo, gerar uma revitalização e revalorização da região, compõe também este cenário uma intensa atividade da sociedade civil organizada. Diversas mãos e corações bem-intencionados, de culturas e credos distintos, realizam variados



Camila Soares



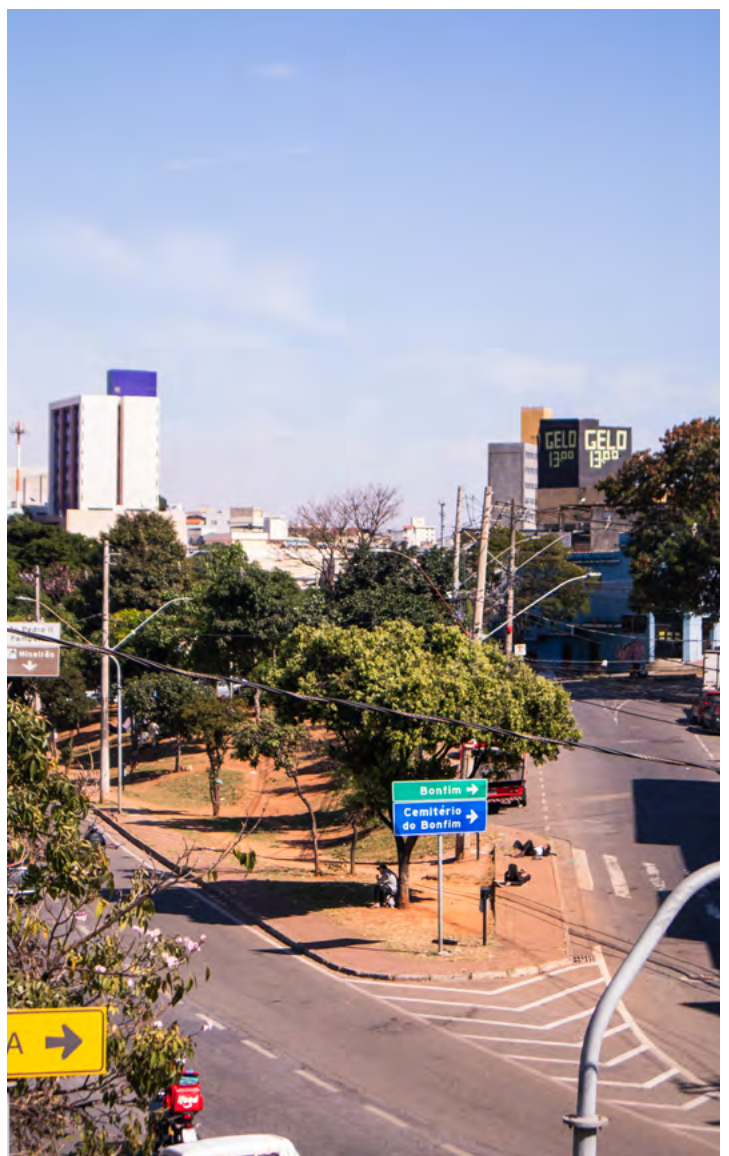
Camila Soares

tipos de ações no território: fornecimento de cestas básicas para famílias em situação de vulnerabilidade; distribuição de refeições, roupas e banho solidário para pessoas em situação de rua; realização de oficinas e rodas de conversa vol-

tadas a diversos públicos; práticas de agroecologia; atividades culturais; feiras; iniciativas de economia criativa; entre outras.

E foi assim, observando as dinâmicas locais e a atuação de grupos organizados, que o Programa

Caminhos idealizou o edital “Caminhos para inclusão: chamada de projetos para a região da Lagoinha”. A ideia de aportar recursos para a execução de projetos de organizações da sociedade civil sediadas ou com atuação prévia



na região parte do entendimento de que elas detêm o conhecimento sobre o território e a realidade local, e são capazes de propor ações para mitigar os problemas sociais existentes e impulsionar as potencialidades da localidade.

Desde o início, a Lagoinha se apresentou para mim como esse grande “complexo”, marcado por história, cultura, diversidade, problemas urbanos persistentes e trajetórias de vida singulares, mas também se revela na multiplicidade de

sujeitos comprometidos com sua comunidade e movidos pela gana de transformação social. A Lagoinha é um organismo vivo, um coração pulsante que segue batendo graças à pluralidade de vozes e afetos que a compõem. Viva a Lagoinha! **V**

Camila Soares



### Referências Bibliográficas:

BERNARDES, Brenda Melo; BORSAGLI, Alessandro. A metamorfose de uma paisagem: a construção, o apogeu e o processo de descaracterização do bairro Lagoinha. *Revista eletrônica do Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte*, v. 1, n. 1, 2014.

DE ALMEIDA, Luiz Guilherme. ... **Que acenda a primeira pedra: ecos da cracolândia de Belo Horizonte**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

OLIVEIRA, Gleiciane Maria de. **De qual favela estamos falando? A Pedreira Prado Lopes pela ótica de seus moradores: história de vida das mulheres**. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, 2019.

# A POTÊNCIA TRANSFORMADORA DO TERCEIRO SETOR NA LAGOINHA

Promover a transformação social e conectar propósitos são valores que guiam o CeMAIS e que encontram eco na atuação vibrante das organizações da sociedade civil na região da Lagoinha. Dessa sinergia nasceu o edital “Caminhos para inclusão: chamada de projetos para a região da Lagoinha”, estruturado com o propósito de impulsionar a inclusão socioeconômica e a geração de renda na localidade.

Alinhado ao Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (Lei nº 13.019/2014), a iniciativa foi direcionada a instituições que atuam na Lagoinha, compreendendo os bairros Bonfim, Conjunto

IAPI, Santo André, São Cristóvão, Pedreira Prado Lopes, Vila Senhor dos Passos e Concórdia. A partir do aporte total de 300 mil reais, destinado via Ministério Público do Trabalho (MPT), o programa transformou recursos em impacto local.

Os projetos contemplados foram executados entre junho e dezembro de 2025. Muito além das capacitações técnicas, as ações promoveram o resgate da dignidade, o acesso à arte e cultura e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Conheça as iniciativas contempladas, fontes potentes de transformação:

## Rede de autonomia: da formação às feiras locais

O projeto “Lagoinha Conectada” foi idealizado pela Associação de Apoio e Proteção a Comunidades (APACC) com o propósito de tecer redes, gerar renda e autonomia. A iniciativa ofereceu formação em gastronomia e artesanato, além de capacitação em Microempreendedor Individual (MEI) para os moradores da região. Mais de 50 pessoas foram certificadas, incluindo mulheres em vulnerabilidade social e jovens em busca de aprendizado.

Para aplicar os conhecimentos adquiridos e fomentar o empreendedorismo local, a organização permanece incentivando os estudantes a participarem de feiras para comercialização dos artesanatos e dos produtos culinários e idealiza a implementação de uma Feira de Economia Empreendedora local.



Arquivo APACC

“A Lagoinha, hoje, carece de políticas públicas contínuas, o que eleva a violência local, impactando, inclusive, a nossa atuação no território. Apesar de todas as dificuldades, a parceria com o CeMAIS permitiu trazer esperança e dignidade aos moradores. Essa cooperação gerou também conhecimentos a nossa instituição que vão além do edital, nos ajudando a encontrar soluções para ampliar as políticas de geração de renda e fortalecer a assistência social na região.”

**André da Silva Cunha**, fundador  
da APACC



Arquivo APACC

## APACC

Criada em 2012, a instituição atua em vilas e aglomerados de Belo Horizonte com ações que promovem a inclusão, a cidadania e o fortalecimento da autonomia. A instituição articula parcerias estratégicas com empresas e órgãos públicos para a realização de iniciativas voltadas à capacitação profissional, esportes, moda circular, gastronomia e geração de renda.

Unidades:

Rua José Bonifácio, nº 238, São Cristóvão, Belo Horizonte/MG  
Rua Itapecerica nº 1.000, 3º andar, Lagoinha, Belo Horizonte/MG

Site: [apaccbrasil.com](http://apaccbrasil.com)

Instagram: [@apaccbrasil](https://www.instagram.com/apaccbrasil)

## Restaurando móveis, tecendo autonomia

Geração de renda, fortalecimento comunitário e valorização cultural foram os pilares que nortearam o projeto “Tapeçaria Criativa: Mãos que Transformam”, idealizado pelo Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentável (IEDS). A iniciativa promoveu a formação de mais de 50 mulheres em situação de vulnerabilidade social, incluindo aquelas com trajetória de vida nas ruas atendidas pelo Centro Integrado de Assistência à Mulher (CIAM)<sup>1</sup>, por meio de:

- Oficinas de tapeçaria: capacitação prática em técnicas de recuperação de cadeiras e estofamento.
- Produção de protótipos: desenvolvimento de peças, como cadeiras e banquetas, integrando a teoria à prática de mercado.
- Autonomia financeira: formação em orçamento, custos e precificação de produtos.

Para estreitar os laços com a comunidade e impulsionar o comércio local, as oficinas foram ministradas por profissionais que já atuam nos antiquários e no ofício de restauro da região.



Arquivo IEDS

<sup>1</sup> Localizado no bairro Lagoinha, o CIAM é frequentado por mulheres com trajetória de rua, que, em sua maioria, utilizam o serviço durante o dia e, no período noturno, pernoitam em abrigos vinculados à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH).

“A Lagoinha é um território complexo e os desafios existentes não podem ser enfrentados por uma única instituição. Os avanços dependem da atuação articulada entre moradores, organizações da sociedade civil, iniciativa privada e poder público. Nesse contexto, entendemos que o nosso papel é contribuir para a construção de parcerias e para o desenvolvimento de projetos que respondam às demandas do território.”

**Vilmar Pereira de Souza**, psicólogo e  
Diretor do IEDS



Arquivo IEDS

## IEDS

Fundado em 2008, o instituto desenvolve ações voltadas à cultura, ao desenvolvimento territorial, à inclusão social e à valorização dos saberes tradicionais, atuando especialmente na região da Lagoinha.

Rua Serro, nº 145, Lagoinha,  
Belo Horizonte/MG

Site: [institutoieds.com](http://institutoieds.com)

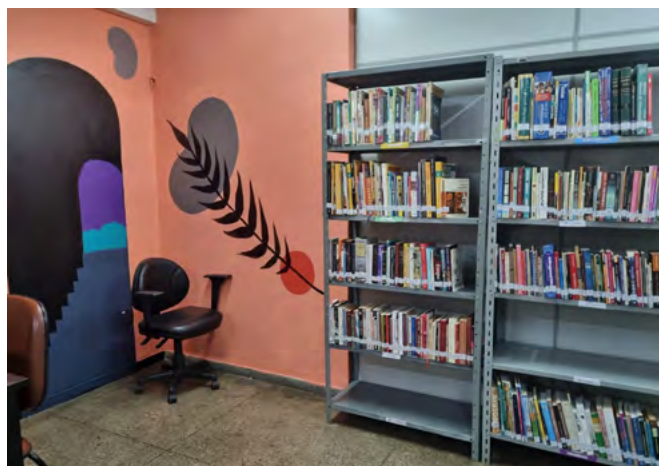
Instagram: @instituto.ieds

## Muito além de um espaço público: um lugar de recomeços

A Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA), gestora do Centro de Referência para a População em Situação de Rua - Centro Pop Lagoinha, deu vida ao projeto “Arte, Educação e Cidadania: juntos por um futuro melhor”. A iniciativa transformou o equipamento público em um espaço mais humanizado e acolhedor para os jovens, adultos e idosos em situação de rua que frequentam o local.

Pautada pelo fortalecimento de vínculos, inclusão social e reconstrução de trajetórias de vida, a transformação aconteceu por meio de três frentes:

- Arte Urbana: oficinas de grafite e pintura capacitaram os usuários do equipamento e possibilitaram a revitalização de ambientes internos e externos do Centro Pop.
- Sustentabilidade: a implantação de horta urbana e de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) integrou o cultivo ao cotidiano do serviço.
- Cultura e Conhecimento: estruturação da biblioteca local com organização do acervo e formação básica em Biblioteconomia para os participantes.



Arquivo ADRA

“Nosso maior desafio é manter ações de longo prazo com um público em extrema vulnerabilidade, em que a urgência da sobrevivência muitas vezes dificulta a permanência em processos formativos. Por isso, criamos atividades acolhedoras e conectadas aos interesses deles. O legado mais importante desse projeto é a certeza de que investir em oportunidades, escuta e afeto resgata a confiança, fortalece o sentimento de pertencimento e abre caminhos para a superação.”

**Jéssica Lariza**, Coordenadora de Projetos da ADRA



Arquivo ADRA

## ADRA

A agência, proponente do projeto, é uma organização humanitária global que atua na promoção do desenvolvimento social e na garantia de direitos de populações vulneráveis.

Centro Pop Lagoinha

Serviço público especializado no atendimento à população em situação de rua com acolhimento, acesso à alimentação, higiene e acompanhamento técnico.

Rua Além Paraíba, nº 101, Lagoinha,  
Belo Horizonte/MG

Site: [adra.org.br](http://adra.org.br)

Instagram: @adrapbrasil

## Da invisibilidade à cidadania: arte e dignidade na Lagoinha

Promovido pela Associação Pastoral Nacional do Povo da Rua, o projeto “Juntos e Misturados: cultura e geração de renda” nasceu com o propósito de apoiar e capacitar mulheres e jovens em situação ou com trajetória de vida nas ruas na região da Lagoinha. A iniciativa uniu aprendizado prático ao suporte emocional por meio de:

- Fortalecimento do grupo de economia solidária Estampa Rua, formado por mulheres em situação e/ou trajetória de vida nas ruas, por meio da aquisição de mesas para as máquinas de costura.
- Oferta de arteterapia para mulheres com produção de velas aromáticas, pinturas, desenhos e colagens.
- Acesso dos jovens à cultura com oferta de oficinas musicais (ukulele).

Diante das complexidades e da característica flutuante do público atendido, o projeto exigiu adequações em suas estratégias de mobilização, o que possibilitou a participação de mais de 140 pessoas nas ações.

Como valorização do trabalho e visibilidade às pessoas atendidas, as artes produzidas nas oficinas de arteterapia ganharam uma exposição no IX Dia Mundial dos Pobres, realizado no Santuário Arquidiocesano São José, de Belo Horizonte. Já os jovens realizaram quatro apresentações musicais ao longo do projeto.



Arquivo Pastoral de Rua

“Nosso desafio diário é ser presença ativa na rua e na comunidade. O resultado surge na garantia de direitos: se há três décadas essa população sofria com a higienização urbana, hoje a cidade a reconhece como cidadã. É uma transformação de mão dupla: ao resgatarem sua identidade e dignidade, eles passam a construir ativamente o território onde vivem.”

**Claudenice Rodrigues Lopes**, Coordenadora da Pastoral de Rua da Arquidiocese e Conselheira da Associação Pastoral Nacional do Povo da Rua



Arquivo Pastoral de Rua

## Pastoral de Rua

Iniciativa de caráter humanitário que se conecta com a realidade da população em situação de rua e catadores de material reciclável, promovendo dignidade, direitos e cidadania.

Rua Além Paraíba, nº 208, Lagoinha,  
Belo Horizonte/ MG

Site: [pastoraldopovodarua.org.br](http://pastoraldopovodarua.org.br)

Instagram: @pastoralnacionaldopovodarua

## A arte em prol do fortalecimento comunitário

O “Projeto Guela” foi proposto pela Associação da Resistência Cultural Afro-Brasileira Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente (CCPJO), com o intuito de fortalecer os vínculos comunitários por meio de oficinas de grafite e canto coral, direcionadas aos moradores da Vila Senhor dos Passos, com abertura a pessoas que trabalham e vivem o dia a dia da comunidade.

Aliando cultura e sustentabilidade, o projeto promoveu o conceito de economia circular ao transformar, em parceria com uma costureira local, as telas pintadas nas oficinas de grafite em 20 bolsas exclusivas.

O encerramento das ações ocorreu durante a Feira Kinanga Laços da Ancestralidade, que celebrou o mês da Consciência Negra. O evento contou com a exposição das telas, comercialização dos artefatos produzidos e apresentação do coral, celebrando a potência cultural do território.



Arquivo CCPJO

“A parceria estabelecida por meio do Edital ‘Caminhos’ foi fundamental para a viabilização de um projeto de alto impacto simbólico e social no território da Lagoinha. O suporte financeiro e institucional permitiu que a associação expandisse suas ações de formação, oferecendo à comunidade ferramentas reais de expressão artística e geração de renda.”

**Pai Ricardo de Moura**, *Presidente da CCPJO*



Arquivo CCPJO

## CCPJO

Fundada em 1976, a associação atua no resgate e na valorização das tradições de matriz africana. A sua atuação abrange a preservação do patrimônio material e imaterial, a prática da caridade, a promoção da assistência social e o fortalecimento da resistência cultural na região.

Rua Fagundes Varela, nº 99, Lagoinha,  
Belo Horizonte/MG

Site: [ccpjo.org.br](http://ccpjo.org.br)

Instagram: @casapaijacobdooriente

## A força da economia periférica

A “Feira Popular da Periferia” é um projeto idealizado pelo Instituto Pedra Viva para apoiar o empreendedorismo e promover a cultura local. Por meio do edital do Programa Caminhos, a instituição promoveu três edições da feira.

A iniciativa contemplou 25 feirantes cadastrados, como pequenos produtores, artesãos, comerciantes informais, costureiras, cozinheiras e artistas locais, e beneficiou indiretamente mais de 200 pessoas. Para além da geração de renda local, o projeto proporcionou importantes ganhos, como:

- Valorização e comercialização da produção artesanal e gastronômica local.
- Resgate cultural por meio da promoção da identidade e dos artistas da região.
- Fortalecimento dos empreendedores para atuação em rede.



Arquivo Cemais

“Um dos maiores desafios enfrentados em nossa atuação é a convivência com as dinâmicas de conflito presentes no território, como o tráfico de drogas. Nesse contexto, é necessário planejar constantemente as ações considerando as especificidades de cada área, respeitando os limites territoriais e buscando minimizar riscos.”

**Leonardo Dib**, *Presidente do Instituto Pedra Viva*



Arquivo Cemais

## Instituto Pedra Viva

O Instituto Pedra Viva é uma organização sem fins lucrativos que, desde 2003, une assistência social e educação. Atende crianças e adolescentes por meio de oficinas, reforço escolar, capoeira e futebol, além de fortalecer a cultura local com iniciativas como a Feira Popular da Periferia.

Rua Marcazita, nº 238, São Cristóvão,  
Belo Horizonte/ MG

Instagram: @pedravivabh  
@feirapopulardaperiferia

## A dança que ecoa na Pedreira Prado Lopes

Com foco na descentralização cultural e no fortalecimento comunitário, o projeto “Memórias em Movimento: Dança e Vivência na Pedreira Prado Lopes” levou arte e oportunidade para as comunidades locais.

Idealizada pela Associação Cultura, Arte e Dança do Grupo M.A Cia de Dança, a iniciativa ofertou aulas de balé e danças urbanas aos moradores em dois espaços da Pedreira Prado Lopes (PPL). Para um percurso formativo, que uniu a prática técnica a debates sobre arte, território e vivências culturais, foram selecionadas 30 crianças, adolescentes e jovens.

Ao final, o projeto promoveu um espetáculo gratuito e aberto ao público, que levou ao palco as memórias e vivências da própria PPL. Além do impacto cultural, a iniciativa movimentou a economia da comunidade: toda a cadeia produtiva priorizou a contratação de profissionais e prestadores de serviço locais, gerando renda direta e fortalecendo o protagonismo dentro do território.



Arquivo MA Cia de Dança

“Para a instituição, o maior impacto do projeto foi despertar o potencial da comunidade. A iniciativa provou que o talento está no próprio território, promovendo o protagonismo de crianças e jovens e gerando oportunidades reais de renda para os moradores locais por meio da arte.”

**Marcos Antônio**, *Fundador e Presidente da M. A Cia de Dança*



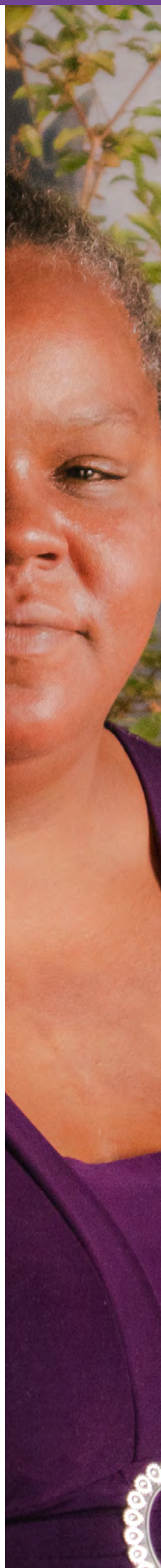
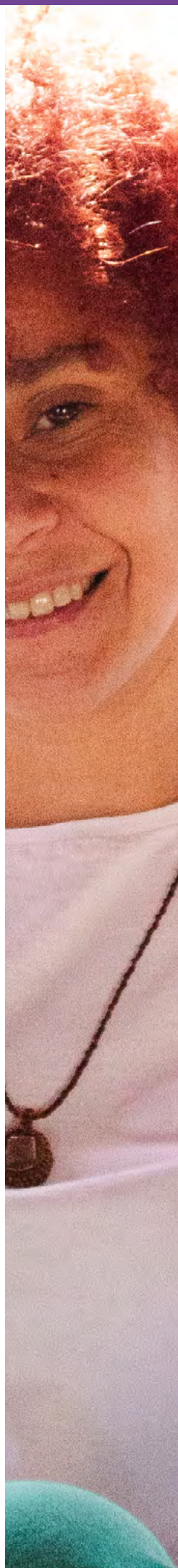
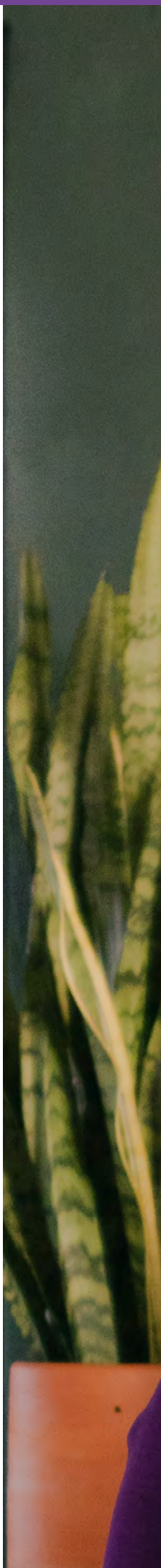
Arquivo MA Cia de Dança

## MA Cia de Dança

Criada em 2010, a Associação Cultura Arte e Dança do Grupo M.A Cia de Dança já atendeu mais de 1.000 alunos, conectando arte, educação e cidadania. A instituição utiliza a dança como ferramenta de inclusão e empoderamento, rompendo barreiras simbólicas para reafirmar a potência criativa da periferia.

Rua Paranaguá, nº 26, sala 01, Carlos Prates,  
Belo Horizonte/MG

Instagram: @m.a.cia.danca  
@assoc.ma



# a coragem que a vida pede!

Quando nos tornamos mulheres – parafraseando a filósofa, ativista e escritora francesa Simone de Beauvoir –, a vida, sem pensar nem duas vezes, já exige de nós coragem. Marias, Amélias, Carolinas, Dandaras, Xicas, Dudas... Ineses, Samanthas, Babalus... A vida sempre requer coragem! Desde o início e até o fim.

Aliás, somos mesmo muito ousadas ao decidir nos tornarmos mulheres em um país que comete um feminicídio a cada 5 horas<sup>2</sup>. No país que mais mata mulheres trans<sup>3</sup>. Em um país que nos remunera 21% menos do que os homens<sup>4</sup>. Em que as mulheres representam de 13 a 15% da

população em situação de rua, mas são vítimas de 40% das violações notificadas (estupro e agressão, por exemplo)<sup>5</sup>. Mas a vida pede de nós coragem!

E é com ela e com a ajuda das Organizações da Sociedade Civil (OSCs) contempladas pelo Programa Caminhos, do CeMAIS, que muitas mulheres em situação de vulnerabilidade extrema na região da Lagoinha têm ressignificado experiências e cargas dolorosas, transformando-as em histórias inspiradoras para que elas mesmas continuem seguindo e acreditando e para que outras tantas não desistam.

---

<sup>2</sup> **Brasil registra um feminicídio a cada 5 horas e 25 minutos no 1º trimestre.** Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2026/05/05/brasil-registra-um-feminicidio-a-cada-5-horas-e-25-minutos-no-1o-trimestre.ghtml>

<sup>3</sup> **Mesmo com queda, Brasil é o país que mais mata trans e travestis.** Disponível em: <https://agencia-brasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2026-01/brasil-ainda-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-e-travestis-no-mundo>

<sup>4</sup> **Mulheres ainda recebem 21% menos que homens em empresas com 100 ou mais funcionários.** Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2025/novembro/mulheres-ainda-recebem-21-menos-que-homens-em-empresas-com-100-ou-mais-funcionarios>

<sup>5</sup> **Relatório mostra a realidade das mulheres em situação de rua no Brasil.** Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/noticia/2024/04/relatorio-mostra-a-realidade-das-mulheres-em-situacao-de-rua-no-brasil.ghtml>



Babalu Teixeira

Camila Soares

## Fé pra quem tem coragem

12 anos. Essa era a idade que Babalu tinha quando saiu da casa da mãe para tomar as rédeas da própria vida. Não porque quis assim, mas porque foi a opção que lhe restou. Mulher trans, o preconceito se fez presente na sua vida desde muito cedo na figura do padrasto e, por causa dele, ela precisou trilhar o seu caminho de forma muito precoce.

Por um tempo, morou na casa dos avós, mas, depois do falecimento desses, precisou “ir para o trecho”. Talvez não contasse com tantas estradas tortuosas e nem com a escuridão das ruas, que foi o seu “abrigo” por quase 17 anos... Mas era preciso coragem!

Assim, em 2009, saiu de Teófilo Otoni e chegou a Belo Horizonte, onde criou – e ainda cria – suas raízes, família e histórias. Teve uma curta estadia em São Paulo, entre os anos de 2012 e 2014, mas foi em BH que ela realmente se encontrou.

Apesar de algumas passagens por repúblicas e até a conquista do Bolsa Moradia em São Paulo, a situação de rua sempre se manteve viva ao longo desse período em sua vida. Mas, felizmente, a fé também estava ali, materializada nas primeiras ajudas que começou a receber da Pastoral de Rua.

“Alguns amigos LGBTQIA+ do Albergue Tia Branca 1 me chamaram para ir na Pastoral de Rua. E eu fui. Na época, ela abria aos domingos para uma roda de conversa e distribuição de café e lanche para as pessoas em situação de rua. A Pastoral foi a primeira porta que se abriu para mim em BH. Não sei o que seria da minha vida sem ela”, relata Babalu.

Desse domingo em diante, a vida começou a lhe sorrir. Bem lentamente, é verdade, mas começou... Além dos donativos e das oficinas de arte e costura, a Pastoral encaminhou Babalu para a República Reviver e, em 2022, ela conseguiu o Bolsa Moradia, tendo, atualmente, o seu merecido lar na capital mineira.

E como é dando que se recebe, Babalu atua na Pastoral de Rua como voluntária, “preparando um café e fazendo um bolinho para servir” nos dias em que o espaço está aberto. É sobre saber acreditar e retribuir e, mais do que isso: sobre construir redes sólidas e de afeto – o qual muitas vezes esteve ausente em sua vida.

Durante a entrevista ela mencionou que um sonho ainda não alcançado era um emprego formal. Entretanto, antes do fechamento desta edição, Babalu nos contou que, também com a ajuda de representantes da Pastoral, ela está finalmente empregada. Foi contratada para atuar como auxiliar de limpeza em uma empresa que presta serviços para o Centro Integrado de Atendimento à População em Situação de Rua (Cia Pop-BH), inaugurado recentemente na capital mineira. Agora poderá, com seu trabalho, assistir um grupo de pessoas do qual um dia já fez parte.

“Hoje, aos 38 anos, me sinto uma mulher muito feliz. Conquistei em BH o que eu não conquistaria na minha cidade. Então, eu diria para as outras pessoas que estão passando pelo que passei: ‘Não desista! A vida para nós, mulheres trans, não é fácil na rua, porque o preconceito está em toda parte. Mas continue lutando pelos seus direitos, que, para Deus, nada é impossível’. Deus me deu força, saúde e coragem e eu estou aqui”, acalenta Babalu.

## Sonhos que podemos ser

Ao todo foram seis anos nas ruas vencendo as piores experiências, inclusive com o álcool e com as drogas. Primeiro, entre 2014 e 2016. Depois, entre 2020 e 2024. Longe do filho, de casa e do trabalho, Samantha precisava, primeiro, vencer a distância de si mesma.

“Estar em situação de rua foi mais do que não ter um lar, pois eu cheguei em um ponto em que não habitava mais o meu corpo, a minha mente... Foi bem difícil... Eu virei uma espécie de fantasma, uma sombra, uma vaga lembrança”, recorda.

Até que, por meio do Centro Integrado de Atendimento à Mulher (CIAM), a técnica de enfermagem conheceu o Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentável (IEDS) e, com ele, o projeto “Elas Cultivam a Lagoinha”. As convidadas a participarem da iniciativa iam até a horta comunitária, localizada em frente ao Mercado da Lagoinha, onde eram desenvolvidas oficinas de produtos artesanais e naturais. “Eram mulheres quase sem sonhos cultivando aquele solo”, relata Samantha com uma sensibilidade única e linda de se ver e sentir.

Entretanto, os sonhos não morrem e nem envelhecem. Nesse contexto, ao ser convidada para participar de um ensaio fotográfico para a revista SOMOS, junto a outras mulheres que frequentavam o CIAM, Samantha voltou a se descobrir.

“O Vilmar, do IEDS, teve interesse em saber quem eu fui, quem eu estava sendo naquele momento e quem eu gostaria de ser ainda. Contando sobre a minha história, ele soube de algumas investidas que tive no meio artístico, como a música. Então, ele me forneceu a oportunidade de

cantar em eventos onde a revista SOMOS era apresentada, da qual fui capa. Foi nesse momento que voltei a me interessar por mim, a desenterrar virtudes e a sonhar novamente. Posso dizer que o CIAM e o IEDS levantaram um espelho próximo ao meu resto e me fizeram, de forma subjetiva, voltar a acreditar em mim”, pontua.

Já era possível sentir o frescor e a brisa da vida bem sonhada. Porém, ainda era preciso mais um importante passo para se reconectar de vez consigo mesma. Foi aí que Samantha, percebendo ainda o uso abusivo de álcool e drogas, se internou pela oitava vez em uma fazenda de reabilitação, onde ficou por seis meses.

Após esse período, ela voltou a trabalhar como técnica de enfermagem, alugou uma casa e, finalmente, conseguiu receber novamente o seu filho: no seu lar e na sua vida. “Faz dois anos que voltamos a viver juntos, mas tudo ainda é muito novo. O Raul sentiu minha falta, eu senti a falta dele, cada um à sua maneira. Ainda me encontro no processo de retorno a mim. Preciso lembrar que minha mente é que constitui meu verdadeiro lar. Reconheço que tenho uma doença, que é o alcoolismo e a dependência química. Hoje, eu cometo novos erros e busco aprender com eles. Pois entendo que errar não é fraqueza... Fraqueza é desistir de tentar novamente”, reflete Samantha com doçura, firmeza e muitos sonhos.

## Para uma mãe, todo o tempo do mundo

Tudo começou aos 15 anos de idade. Inês fugiu da casa dos pais, em São Paulo, e veio para Belo Horizonte com a filha Joyce ainda nos braços. Na Febem do bairro



**Samantha Alves Pinto de Souza**

Camila Soares



Inês Pereira

Camila Soares

Horto, morou até os 18 anos de idade. Ela e a sua bebê. Até que, localizada pelos familiares, precisou retornar à terra natal. Lá, com a mãe, deixou a filha e veio tentar novamente a vida em BH, e é neste momento que começa a sua trajetória de rua.

As datas em que os fatos aconteceram já não estão tão claras assim. Afinal, foram tantos dolorosos acontecimentos que o esquecimento age quase que como uma defesa do corpo e da mente para deixar tudo aquilo bem lá no passado. Quem sabe assim dói menos... O que se sabe é que, por dois anos, as ruas da capital mineira foram sua morada. E, nesse período, mais uma gravidez. Lucas nasceu na rua, mas o instinto materno falou mais alto aqui.

Com medo de o Conselho Tutelar tomar o seu filho, Inês procurou acolhimento no Abrigo Maria, Maria, onde ficou até os seis meses do bebê. Nesse momento, ela conseguiu o tão sonhado Bolsa Moradia e foi, finalmente, para a sua casa. Começava, então, uma nova etapa.

Nas fraldas de Lucas, Inês aprendeu a fazer os primeiros pontos de crochê. Enquanto isso, vieram mais dois filhos: Carlos Henrique e Maysa. Com a chegada deles, o crochê acabou se tornando uma fonte de renda: ela aprimorou a sua técnica de forma autodidata e passou a vender panos de prato para comprar leite e fraldas para as crianças. Apesar das adversidades, a jornada seguia seu rumo.

Acontece que a vida, que é de esquentar e esfriar, afrouxar e desafrouxar, sossegar e depois desinquietar, exigiu novamente de Inês coragem. Em um momento de fragilidade em meio ao vício, ela perdeu a guarda dos filhos (a caçula apenas com dois anos de idade). Porém, o que parecia o fim, foi um recomeço.

“Foram mais de dois anos sem ver os meus filhos. Na primeira audiência,

o juiz disse que eu não poderia ficar com eles. Foi aí que o Pedra Viva entrou na minha vida. Eles me deram toda a orientação para eu conseguir novamente a guarda. Me ajudaram muito! Nesse momento, eu também tomei a decisão de que não iria mexer mais com coisa errada e fui buscar a igreja. Ainda estou passando pelo processo de libertação, mas sei que Deus está do meu lado”, relata com resiliência.

Com a ajuda do Instituto Pedra Viva, da sua garra e, de novo, do seu instinto materno, Inês conseguiu a chance de mostrar ao juiz, ao mundo e, sobretudo, a si mesma, que era, sim, capaz de cuidar dos seus. “Em uma nova audiência, o juiz me deu de três a seis meses para mostrar que eu dava conta. Aí começou a trajetória de visitar meus filhos no abrigo. Foi muito difícil esse reencontro... Eu tive que segurar muito a minha emoção, porque fiquei mais de dois anos sem ver meus filhos. Mas aí, depois de seis meses, eles começaram a vir para casa nos finais de semana. Em dezembro, eles passaram as férias aqui. E aí, dia 21 de janeiro, na data do meu aniversário, o juiz me chamou lá, porque eu tinha conquistado a guarda definitiva dos meus filhos”, relembra sem conter as lágrimas da dor que o tempo não apaga.

Os anos se passaram (a caçula já tem 17 anos!), a família segue unida e o crochê, ah, esse continua fazendo parte da vida de Inês. Aliás, ele e o Instituto Pedra Viva.

Hoje, ela expõe suas peças em duas bancas - uma na porta de casa e outra em frente a um supermercado - e, novamente, com a ajuda do Pedra Viva, participa de feiras, tendo sido destaque na Feira Popular da Periferia.

No fim das contas, o tempo nunca foi perdido! ▣



**ENTRE AS COMUNIDADES E O  
TERCEIRO SETOR:**

# **A CONTRIBUIÇÃO DAS OSCS NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DE TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS**

Você tem fome de quê? Antes de responder a essa pergunta, aqui vai uma dica: nem toda fome é de comida. Em muitos casos, ela é mais profunda e escancara as mazelas de comunidades brasileiras, inclusive as mineiras. Fome de conhecimento, de incentivo, de liberdade, de redes e, principalmente, de autonomia. Os números falam por si só!

Segundo o Censo 2022, o último realizado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia



e Estatística (IBGE), Belo Horizonte concentra 218 favelas e comunidades urbanas, nas quais vivem 307.729 pessoas<sup>6</sup>. Do outro lado, de acordo com a Polícia Civil, Minas Gerais é o estado com o maior número de ocorrências de tráfico de drogas registradas no primeiro trimestre de 2026: uma média de 100 casos por dia<sup>7</sup>.

Não é preciso fazer cálculos mirabolantes com esses números para se chegar a um denominador comum: a vulnerabilidade

das comunidades – do território e dos potenciais humanos ali presentes – contribui para o domínio das facções nesses locais ao mesmo tempo em que retém a autonomia dos moradores. E esse vira um ciclo.

Aliás, não apenas os números apontam para isso, como as próprias pessoas em situação de vulnerabilidade. Você se lembra da Samantha, enfermeira com trajetória de vida nas ruas e que contamos a sua história na seção

“Realizando Sonhos”. Quando a perguntamos sobre os caminhos mais assertivos para solucionar o problema das pessoas em situação de rua, ela foi direta ao ponto: “São muitas ONGs envolvidas em projetos solidários, mas elas precisam entender qual é a necessidade dessas pessoas. Precisam de alimentação, claro, mas precisam ser incentivadas a voltarem a depender delas mesmas”. E essa ideia também se aplica às comunidades: o desenvolvimento da autonomia.

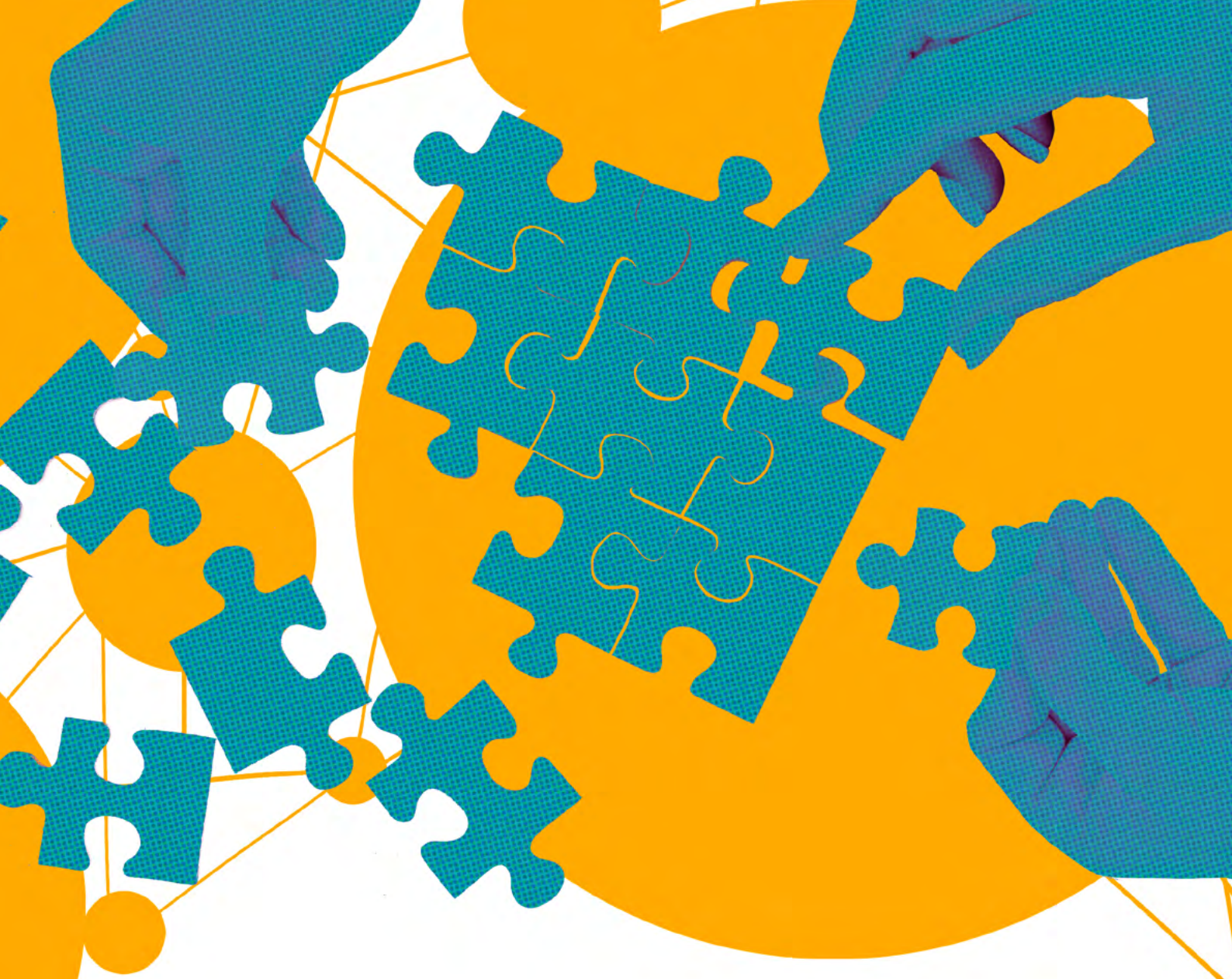
<sup>6</sup>Censo 2022: veja a situação das maiores favelas de Minas Gerais. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2025/12/05/censo-2022-veja-a-situacao-das-maiores-favelas-de-minas-gerais.ghtml>

<sup>7</sup>MG é o estado que mais registrou ocorrências de tráfico de drogas no primeiro trimestre do ano. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2026/04/23/mg-e-o-estado-que-mais-registrou-ocorrencias-de-traffic-de-drogas-no-primeiro-trimestre-do-ano.ghtml>

Felizmente, essa lacuna vem sendo preenchida, em partes, por projetos do Terceiro Setor que promovem a participação ativa dos moradores das comunidades vulneráveis e das OSCs locais na idealização e fiscalização das políticas públicas que impactam e transformam os seus territórios. A Fase IV do Programa Caminhos, por exemplo, tem justamente esse intuito. Ao fomentar e apoiar os sete projetos e instituições da Lagoinha por meio das visitas técnicas, capacitações e assessorias, o CeMAIS objetivava deixar um legado permanente de autonomia na comunidade da região.

A Doutora em Direito Internacional Privado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mariana Karla de Faria, afirma que o Terceiro Setor é extremamente relevante para a sociedade, uma vez que esse pode alcançar uma camada da população vulnerabilizada que nem mesmo o poder público ou privado alcança. “Projetos sociais que buscam fortalecer as OSCs e lideranças locais reduzem vulnerabilidades ao romperem o ciclo de exclusão que alimenta o tráfico e a violência. Essas iniciativas criam redes de apoio, geram alternativas econômicas e promovem a apropriação dos espaços urbanos pelos moradores. E assim, sem dúvidas, o fortalecimento do protagonismo local melhora o bem-estar e enfraquece o poder paralelo”, pontua.





## **Caminhos que inspiram e fortalecem**

Entre becos e vielas, diversos são os caminhos seguidos pelo Terceiro Setor na busca de transformar os territórios vulneráveis em espaços autônomos e fortalecidos. Projetos voltados para qualificação profissional, incentivo ao empreendedorismo local, desenvolvimento de lideranças, capacitação e sensibilização das OSCs locais e dos moradores sobre seus direitos são algumas dessas iniciativas.

Nesse cenário de inovação social em comunidades periféricas, a Gerando Falcões se destaca em âmbito nacional como uma instituição que se preocupa em superar a pobreza nas favelas e periferias “por meio de soluções inovadoras, sustentáveis e escaláveis”<sup>8</sup> e de parcerias com as comunidades. Suas atuações envolvem, principalmente, a capacitação socioemocional e técnica dos moradores das comunidades, a transformação de líderes sociais em agentes transformadores e o acompanhamento individual de famílias para

a superação das situações de vulnerabilidade econômica e social.

Alcione Rios, Coordenadora de Operações da Gerando Falcões na regional de Minas Gerais e Espírito Santo, explica que a instituição é um ecossistema de desenvolvimento social que atua para transformar a realidade das favelas e periferias brasileiras. “Nosso trabalho acontece por meio da formação, fortalecimento e conexão de lideranças sociais locais, que conhecem profundamente os desafios de seus territórios e trabalham na promoção de

oportunidades e dignidade para suas comunidades. Hoje, estamos presentes em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal”, afirma. Já são mais de 5.500 favelas impactadas pelas ações e mais de 2.200 lideranças formadas pela Falcons University, 17 Favelas 3D implementadas e mais de 18.400 famílias atendidas pelo programa Decolagem.

Na capital mineira, uma das atuações da Gerando Falcões é o Favela 3D – Digna, Digital e

Desenvolvida, uma tecnologia social que promove melhorias na qualidade de vida e o empoderamento populacional, concedendo autonomia aos moradores. Seu objetivo é erradicar a pobreza por meio de alternativas baseadas em dados, ciência e inovação. “Em Belo Horizonte, atualmente, temos 17 líderes sociais. E uma frente significativa de atuação está na Vila Nova Cachoeirinha, onde vigora o Favela 3D. A proposta é promover uma

transformação territorial integrada, trazendo melhorias que vão além da infraestrutura, mas que englobem diferentes áreas da vida na comunidade, como saúde, educação, geração de renda, entre outros. Destacamos que todas as iniciativas deste programa são realizadas em parceria com as lideranças locais e os moradores”, pontua a coordenadora, que possui uma atuação de 10 anos no Sistema Único de Assistência Social (SUAS).



As metas da organização para os próximos anos são ambiciosas. Segundo Alcione Rios, em 10 anos, a intenção é levar um milhão de pessoas para a dignidade. Já quando o assunto é o estado mineiro, o mapeamento dos territórios também segue firme. “Estamos constantemente avaliando novas oportunidades para ampliar nosso impacto em Belo Horizonte e em todo o estado. A expansão das nossas iniciativas também de-

pende do fortalecimento de políticas públicas e da construção de parcerias com o poder público, empresas locais e demais atores comprometidos com a transformação social. Seguimos trabalhando para criar as condições necessárias para levar cada vez mais soluções aos territórios que mais precisam”, destaca Alcione Rios.

Ninguém, portanto, caminha só. O diálogo intersetorial é indispensável para atender às

demandas dos territórios vulneráveis, que enfrentam desafios cada vez mais complexos. Afinal, apenas com a atuação conjunta dos três setores - como no desenvolvimento de projetos sociais que fomentem a autonomia e o protagonismo da comunidade - é possível saciar as diferentes fomes e carências da sociedade e possibilitar que as pessoas, enfim, tenham a liberdade e o controle dos seus espaços sociais. [v](#)



# GENTE QUE FAZ A DIFERENÇA

HÁ ESPERANÇA EM UM MUNDO  
EM CRISE E ELA APARECE EM  
FORMA DE VOLUNTARIADO

---

Por Julia Caldas Almeida,  
Consultora em estratégia e  
articulação intersetorial e  
Fundadora da Ubuntu

---

Em toda comunidade existem aquelas pessoas que escolhem não fechar os olhos diante de uma necessidade. Elas são raras, mas existem. E como é bom saber que ainda há seres dispostos a doar tempo, conhecimento, energia e afeto para melhorar a vida de outros. Na Lagoinha, uma dessas pessoas é o Alexandre Guimarães.

Há quatro anos, o servidor aposentado do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) dedica suas quartas-feiras ao trabalho voluntário junto às pessoas em situação de rua na região central de Belo Horizonte e na Lagoinha. O que começou com um convite de um amigo transformou-se em propósito de vida: “Quando entrei no projeto (Bartimeu, iniciativa da Comunidade Renovada Santo Antô-

nio de Pádua), queria apenas ajudar com meu conhecimento e minha experiência. Hoje, tenho uma visão muito mais crítica da situação dessas pessoas e percebo o quanto sou grato pela vida que tenho. É algo humano, do fundo da alma”, afirma.

Dentre as muitas histórias que viveu nas ruas, uma permanece viva em sua memória. Durante uma entrega de alimentos, encontrou um jovem que recusava a comida, o que ele pedia era apenas uma muda de roupa limpa. Depois de conseguir as roupas e um cobertor para ele, Alexandre percebeu que o semblante do rapaz havia mudado. Naquele momento, compreendeu que, antes mesmo da fome, existia outra necessidade igualmente urgente: recuperar a dignidade.

---

## **VOLUNTARIADO TRANSFORMADOR**

Histórias como essa ajudam a compreender o verdadeiro significado do voluntariado. Dito isso, a palavra “voluntariado” deriva do termo latino voluntarius, que significa “de própria vontade”. Sua origem remete à ideia de uma ação realizada por escolha, desejo e propósito, sem obrigação ou imposição. Em um mundo marcado por crises sociais, ambientais e institucionais, cresce o reconhecimento de que a transformação dos territórios depende também do desenvolvimento das pessoas.

Como dizia Herbert de Souza, o Betinho, “quem tem fome tem pressa”. Décadas depois, essa afirmação continua atual. Afinal, ninguém desenvolve autonomia com fome, frio, dor ou sem acesso às condições mínimas para viver com dignidade. Por isso, durante muito tempo, o voluntariado esteve associado principalmente às

ações assistenciais. E continua sendo fundamental. Mas o voluntariado contemporâneo vem ampliando seu papel.

Nesse cenário, o conceito de voluntariado transformador, difundido pelo filósofo e cientista político Rodrigo Starling, propõe uma visão mais ampla: além de responder às urgências do presente, o voluntariado também pode contribuir para fortalecer organizações, desenvolver capacidades locais, estimular a participação cidadã e construir soluções coletivas para desafios complexos. Isso não significa abandonar a assistência quando ela é necessária. Significa compreender que cuidado e desenvolvimento não são caminhos opostos, mas etapas complementares de um mesmo processo de transformação social.

Na região da Lagoinha, em Belo Horizonte, essa potência se revela diariamente. Berço de importantes manifestações culturais da capital mineira, o



território também convive com desafios sociais complexos e uma intensa demanda por ações de cuidado, acolhimento e fortalecimento comunitário. É nesse contexto que organizações sociais, coletivos culturais, lideranças comunitárias e voluntários constroem respostas concretas para necessidades urgentes e para sonhos de longo prazo.

## O PODER DO VOLUNTARIADO LOCAL

A experiência da Associação de Apoio e Proteção a Comunidades Carentes (APACC), contemplada pelo Edital do Programa Caminhos, ajuda a ilustrar essa realidade. Fundada há 13 anos pelo professor André da Silva Cunha, a organização nasceu dentro de um aglomerado e, hoje, atua junto a crianças, jovens, adultos e idosos por meio de ações culturais, esportivas, educacionais e de capacitação profissional. Somente em 2025, com o apoio de voluntários e da comunidade, a instituição ampliou sua atuação na Lagoinha, promovendo cursos gratuitos de gastronomia, artesanato e empreendedorismo, além de iniciativas de apoio alimentar e acolhimento. O Natal Solidário, realizado há mais de uma década na Pedreira Prado Lopes e na Vila Senhor dos Passos, é uma das ações mais simbólicas da organização, contemplando entre 600 e 800 crianças.

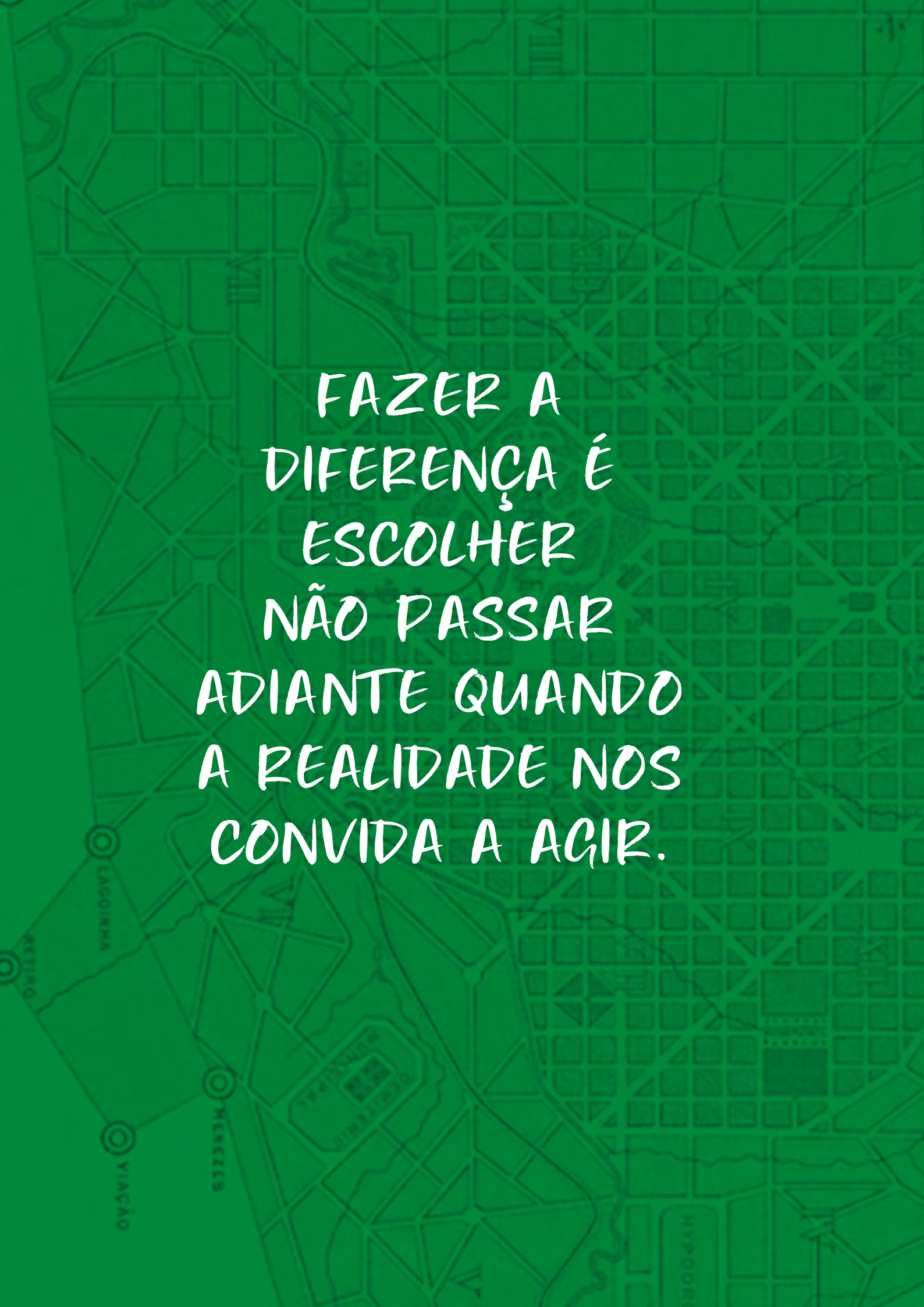
Para André, os voluntários são parte essencial dessa construção: **“Sozinhos somos uma gota, mas unidos somos**

**um oceano”**. Ele ainda complementa: “Cada voluntário é um presente”. A frase resume uma verdade frequentemente observada nas organizações comunitárias: o voluntariado não é apenas uma força de trabalho. É uma rede de vínculos, confiança e pertencimento.

A comunidade também desempenha papel fundamental nesse processo. Além de participar das atividades, são os próprios moradores que ajudam a identificar necessidades, mobilizar recursos e construir soluções. **O território sempre sabe.** Quem vive diariamente uma realidade conhece suas dores, mas também suas potências. Por isso, fortalecer organizações locais é tão importante.

Nesse sentido, programas como o Caminhos demonstram como o investimento em lideranças comunitárias, fortalecimento institucional e atuação em rede pode ampliar oportunidades e gerar impactos duradouros. Afinal, quando organizações locais são fortalecidas, toda a comunidade se fortalece junto.

Transformar territórios, portanto, começa por reconhecer nossa interdependência. Nenhuma comunidade se desenvolve sozinha. Nenhuma organização transforma realidades isoladamente. Nenhuma política pública alcança todo o seu potencial sem participação cidadã. O voluntariado nos lembra que pertencemos uns aos outros e todos ao mesmo planeta. E que cada gesto de cuidado, por menor que pareça, pode ser o início de uma transformação muito maior.



FAZER A  
DIFERENÇA É  
ESCOLHER  
NÃO PASSAR  
ADIANTE QUANDO  
A REALIDADE NOS  
CONVIDA A AGIR.



# **COM A FALA QUEM ACREDITA NAS POTENCIALIDADES DOS TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS**

---

*“Territórios vulneráveis se tornam mais seguros e democráticos quando há presença qualificada do Estado, fortalecimento das organizações comunitárias e oportunidades concretas para a população.”*

*Francisco Angelo Silva Assis*



Asscom/MPMG

“Gastar a sola do sapato” é uma expressão antiga que, dentre diversos usos, aplica-se a profissionais que caminham muito para cumprir suas funções. Quem conhece o promotor de Justiça do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) Francisco Angelo Silva Assis sabe que essa frase pode ser aplicada ao seu método de trabalho. Afinal, diante das diversas responsabilidades de sua função, é imprescindível reservar tempo para visitar instituições sociais, comunidades e territórios atingidos por desastres para momentos de diálogo e, principalmente, de escuta.

E é assim, no gastar da sola do sapato no asfalto ou na poeira (ora no barro) que os números dos procedimentos administrativos ganham sentido e cor. Viram gente!

Com essa sensibilidade e uma sólida bagagem acadêmica e profissional, Francisco Angelo é o entrevistado da seção “Com a fala quem”. Mestre e Doutorando em Ciências Sociais pela PUC Minas e graduado em Direito pela Universidade de Itaúna, ele possui experiência nas áreas da Segurança Pública e Sistema de Justiça Criminal, com ênfase no controle externo da atividade policial, combate ao crime organizado e

na promoção e proteção dos Direitos Humanos.

Entre 2021 e 2024, esteve à frente da Coordenação do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos (CAODH) do MPMG. Hoje, leva esse mesmo olhar humanizado e estratégico para o Terceiro Setor, ocupando a Coordenação do Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Justiça de Velamento de Fundações e às Alianças Intersetoriais (CAOTS).

Com a fala quem acredita nas potencialidades dos territórios periféricos e no diálogo intersetorial como resposta aos seus desafios:

**Valor Compartilhado (VC):** Em sua trajetória, o senhor acumula experiências nas áreas de Direitos Humanos, Segurança Pública e, atualmente, no Terceiro Setor. A partir da sua visão, como essas três frentes podem dialogar para transformar territórios vulneráveis em espaços mais seguros e democráticos?

**Francisco Angelo:** Em minha visão, essas três frentes não apenas podem dialogar como precisam dialogar de forma permanente. A defesa dos Direitos Humanos, a atuação na Segurança Pública e o trabalho do Terceiro Setor conver-

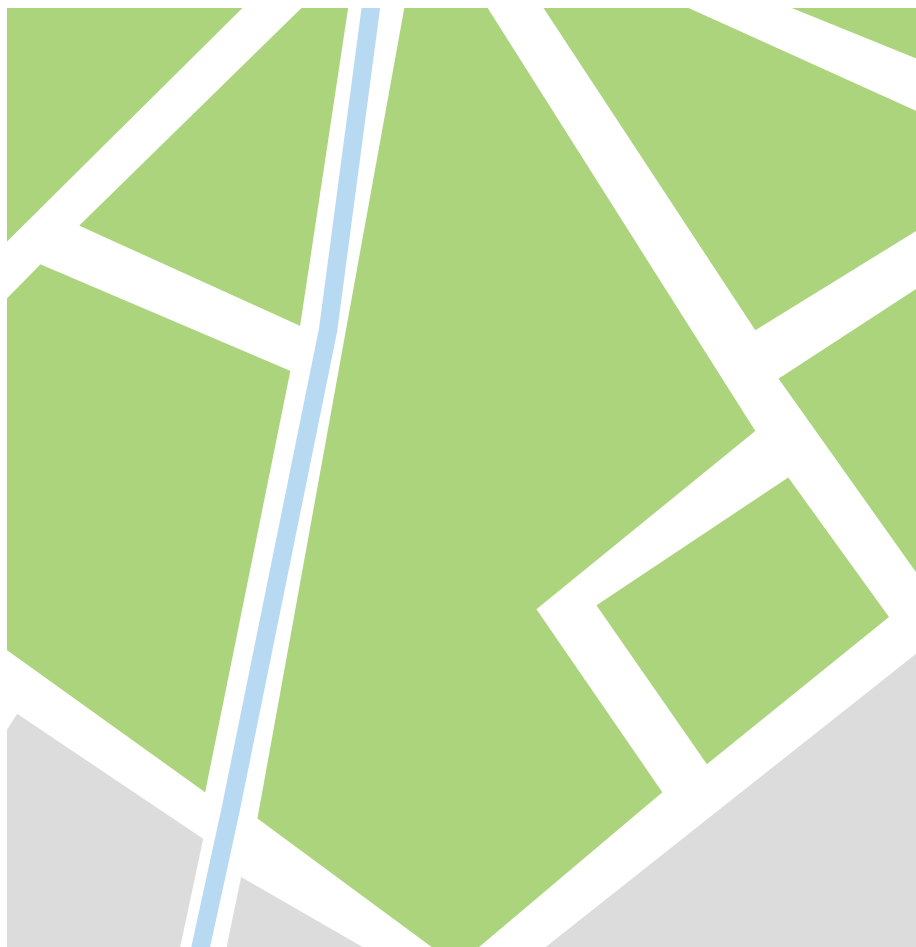
gem quando o foco deixa de ser apenas a contenção do conflito e passa a ser a garantia de dignidade, pertencimento e acesso real a direitos. Territórios vulneráveis se tornam mais seguros e democráticos quando há presença qualificada do Estado, fortalecimento das organizações comunitárias e oportunidades concretas para a população.

**VC: As instituições do Terceiro Setor possuem importante atuação nos territórios periféricos ao promoverem, por exemplo, a promoção da segurança alimentar, qualificação profissional e acesso à cultura.**

**Como o diálogo intersetorial pode potencializar essa importante atuação, tendo como referência as comunidades de Belo Horizonte?**

**Francisco Angelo:** No caso de Belo Horizonte, o diálogo intersetorial é decisivo, porque os territórios periféricos são marcados por desigualdades históricas, mas também por forte capacidade de organização local. Experiências em periferias mostram que a articulação entre equipamentos públicos, redes comunitárias, igrejas, associações e iniciativas sociais amplia o alcance das ações voltadas à segurança alimentar, qualifica-

***“A defesa dos Direitos Humanos, a atuação na Segurança Pública e o trabalho do Terceiro Setor convergem quando o foco deixa de ser apenas a contenção do conflito e passa a ser a garantia de dignidade, pertencimento e acesso real a direitos”***



***Quando cada ator atua de forma isolada, o impacto é limitado; quando há coordenação, os resultados se multiplicam.***

ção profissional, cultura e convivência. Quando cada ator atua de forma isolada, o impacto é limitado; quando há coordenação, os resultados se multiplicam.

**VC: Na sua visão, para além do fortalecimento das OSCs, como a articulação entre órgãos públicos, OSCs locais e o setor privado podem contribuir para o desenvolvimento de territórios periféricos?**

**Francisco Angelo:** A articulação entre poder público, OSCs e setor privado é um caminho consistente para transformar realidades, porque distribui responsabilidades e amplia recursos, conhecimento e capilaridade territorial. O setor público estrutura políticas e garante direitos; as OSCs conhecem de perto as necessidades e conseguem mobilizar confiança nos territórios; e o setor privado pode contribuir com investimento, tecnologia, redes e apoio à sustentabilidade das ações. Em contextos periféricos, essa cooperação é ainda mais importante, porque a solução dos problemas locais exige respostas integradas, e não iniciativas pontuais.

**VC: Muitas organizações sociais nascem do desejo genuíno de apoiar a comunidade em que estão inseridas, mas esbarram**

**na falta de recursos e de planejamento estratégico. Como o senhor avalia o impacto de editais, como o do Programa Caminhos, para a sustentabilidade dessas instituições e, consequentemente, para o atendimento de necessidades das comunidades?**

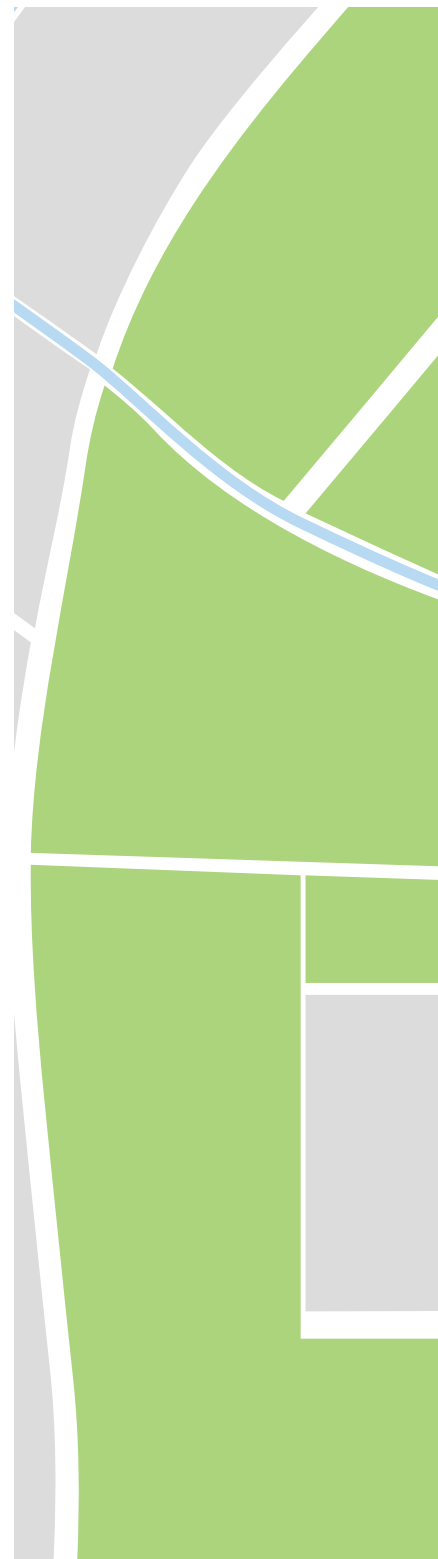
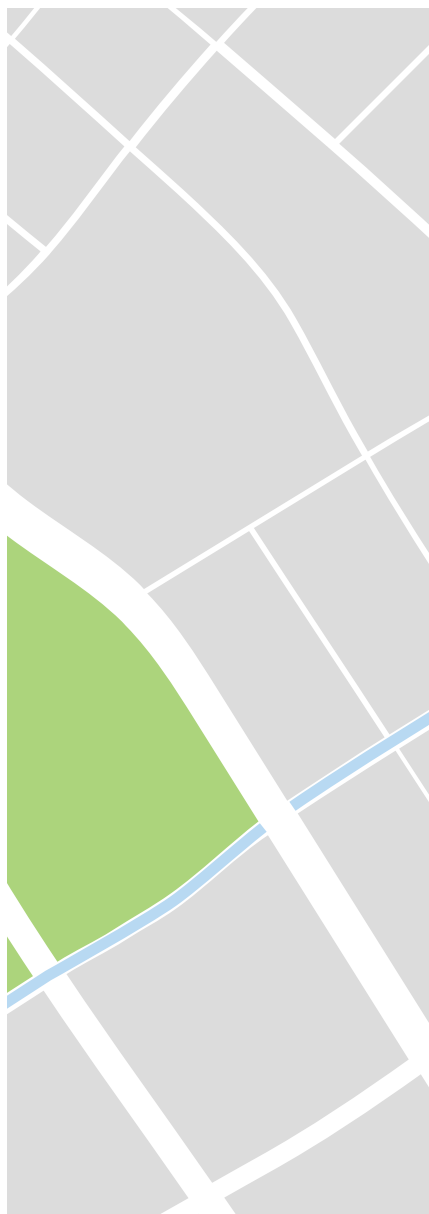
**Francisco Angelo:** Editais como o Programa Caminhos são estratégicos, porque ajudam a enfrentar um dos maiores desafios das OSCs: a combinação entre necessidade social urgente e pouca estrutura institucional. Ao financiar projetos e, ao mesmo tempo, incentivar planejamento e acompanhamento, esses editais fortalecem a continuidade do trabalho e aumentam a capacidade de resposta das organizações. Isso é essencial para que instituições que nasceram da mobilização comunitária consigam se manter, se organizar e produzir impacto duradouro nos territórios.

**VC: O edital “Caminhos para a Inclusão” aliou o repasse de recursos ao acompanhamento técnico e à prestação de contas. Na prática, como a estruturação da gestão e da transparência impacta a relação das OSCs com parceiros e financiadores?**

**Francisco Angelo:** A gestão qualificada e transparente é fundamental para a credibilidade do

Terceiro Setor. Quando uma OSC presta contas com seriedade, planeja suas ações e demonstra resultados, ela não apenas cumpre exigências formais, mas também constrói confiança com parceiros, financiadores e com a própria comunidade. Transparência não é apenas uma obrigação administrativa; é um ativo institucional que protege a organização, qualifica sua atuação e amplia sua capacidade de incidência social.

**A gestão qualificada e transparente é fundamental para a credibilidade do Terceiro Setor.**

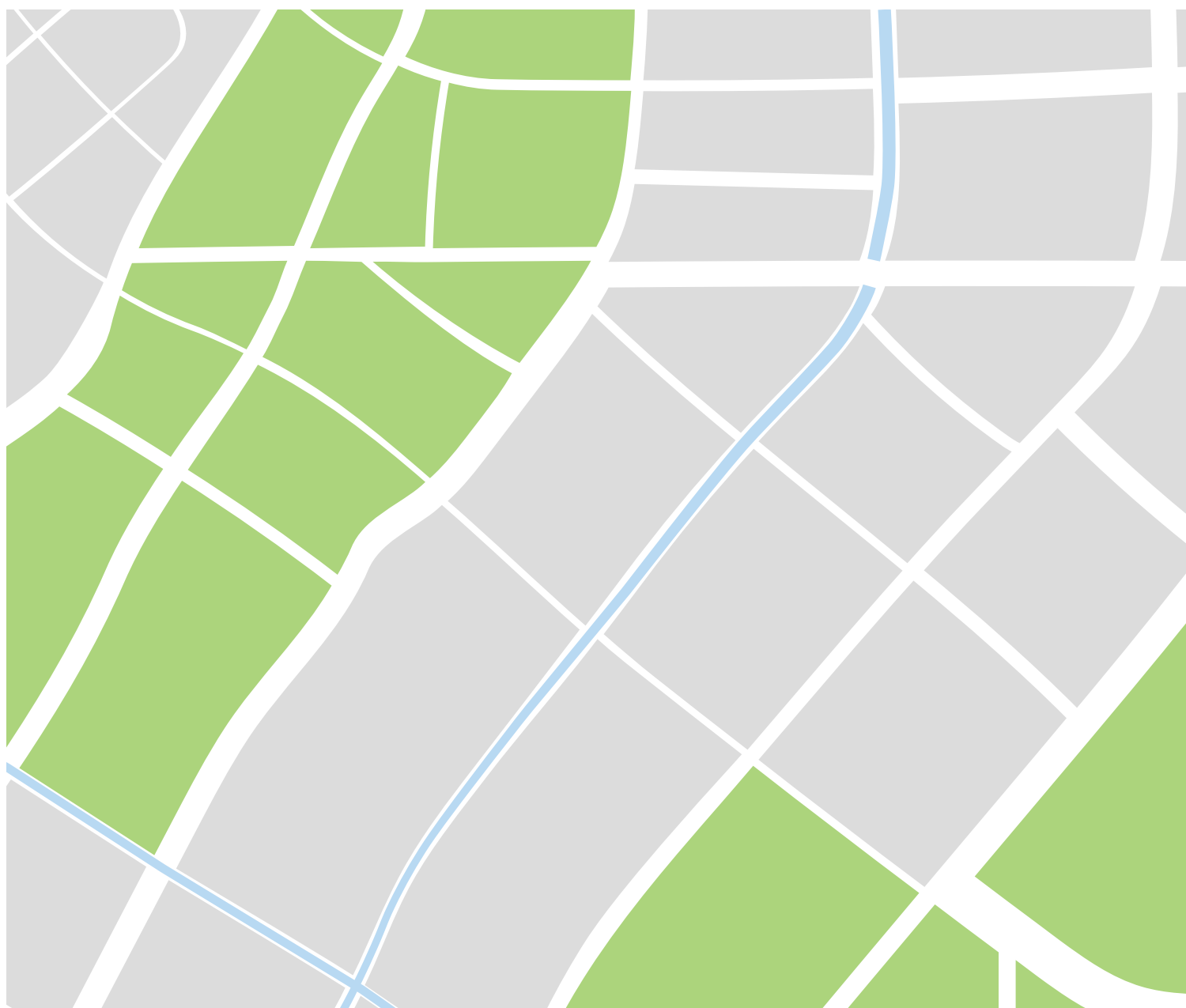


**As organizações comunitárias e do Terceiro Setor são decisivas nos territórios vulneráveis, porque, muitas vezes, fazem a ponte entre necessidades urgentes e soluções concretas.**

**VC: Na sua avaliação, qual é a importância dessas organizações para os territórios onde atuam e que mensagem o senhor deixaria para as lideranças que seguem acreditando no poder da mobilização coletiva para transformar realidades?**

**Francisco Angelo:** As organizações comunitárias e do Terceiro Setor são decisivas nos territórios vulneráveis, porque, muitas vezes, fazem a ponte entre necessidades urgentes e soluções

concretas. Elas ajudam a garantir direitos, fortalecem vínculos, promovem cidadania e criam oportunidades onde antes havia ausência de política pública, isolamento ou descontinuidade. Às lideranças que seguem acreditando na mobilização coletiva, eu deixaria uma mensagem de reconhecimento e esperança: transformar realidades é um processo coletivo, paciente e persistente, e cada organização que se mantém de pé em um território vulnerabilizado já representa uma vitória da democracia cotidiana. **V**

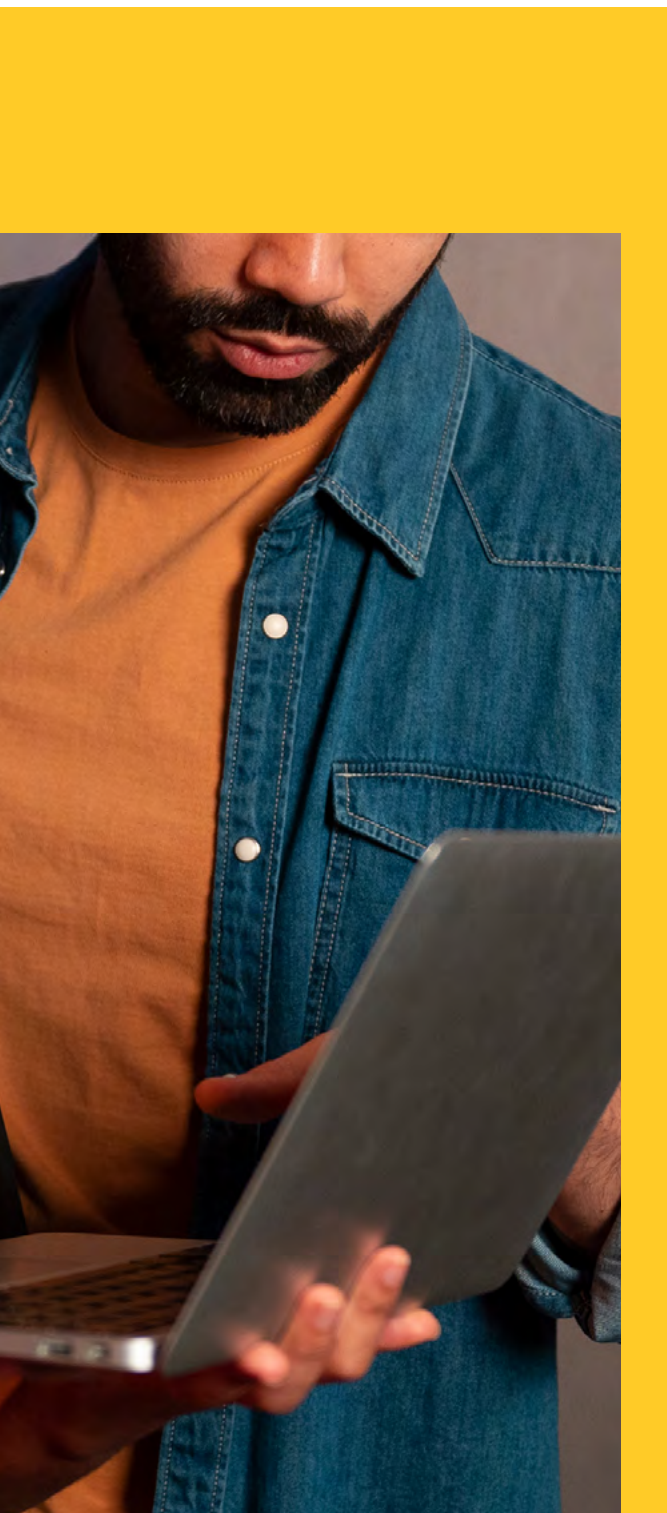


ESTRUTURA QUE  
TRANSFORMA:

# COMO DADOS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL FORTALECEM O TERCEIRO SETOR

POR ALINE SEOANE,  
DIRETORA-EXECUTIVA DO CEMAIS





Quem trabalha no Terceiro Setor conhece bem a força de uma causa. Nossas organizações nascem do inconformismo, da empatia e do desejo profundo de transformar realidades. Esse brilho no olho e a vontade de fazer a diferença são a energia vital que faz os projetos saírem do papel e alcançarem quem mais precisa. No entanto, para que o impacto social não seja apenas um lampejo passageiro, mas sim uma transformação duradoura, precisamos falar sobre o que sustenta essa engrenagem: o desenvolvimento institucional.

Muitas vezes visto erroneamente como um excesso de burocracia ou um distanciamento do atendimento direto, esse fortalecimento interno é, na verdade, o oxigênio da organização. Olhar para dentro e estruturar a casa com processos sólidos é o que garante a sustentabilidade da causa, permitindo que a organização continue transformando vidas amanhã e depois.

Dentro desse processo de amadurecimento, um dos pilares mais fundamentais na atualidade é a construção de uma cultura de dados. Afinal, ao registrar sistematicamente o cotidiano da organização, saímos da dinâmica do “achismo” para a certeza. Passamos a compreender com precisão o que está realmente funcionando no atendimento, onde estamos investindo energia e tempo sem colher o retorno esperado e como, exatamente, a vida dos beneficiários foi transformada.

Nesse sentido, a cultura de dados transforma intuição em evidência. Ela permite que a equipe celebre vitórias reais e corrija rotas com segurança. Além disso, em um ecossistema intersetorial, apresentar dados consistentes eleva o patamar da organização perante empresas e governos, demonstrando que a instituição une a paixão da causa à maturidade de uma gestão eficiente.

Contudo, para que essa cultura ganhe vida, não adianta tentar medir absolutamente tudo da noite para o dia, pois o excesso de indicadores pode paralisar uma equipe tanto quanto a total falta deles. O ponto de partida ideal é o planejamento focado, guiado por um objetivo claro. Assim, antes de começar a coletar, a organização precisa saber, exatamente, onde quer chegar. Em vez de acumular números sem propósito, a instituição deve se perguntar qual resposta busca encontrar ou qual história precisa ser contada. Definir poucas e boas métricas, que estejam diretamente alinhadas à missão institucional, poupa a energia

da equipe e garante que o dado coletado seja útil. Afinal, a informação só tem valor se gerar ação e transformação.

Diante de uma rotina em que os processos agarram e o tempo é escasso, é natural que os gestores se questionem sobre como é possível aplicar a cultura de dados sem uma equipe técnica para isso. É justamente nesse ponto que a tecnologia entra como uma mão amiga.

Sim, para a solução de gargalos operacionais, a resposta pode estar na Inteligência Artificial Generativa, que se consolidou como uma grande aliada do Terceiro Setor por eliminar totalmente a barreira da programação: o diálogo com a



máquina acontece por meio de uma conversa normal. Aqui, a organização deve escolher a ferramenta ideal para cada tipo de necessidade, entendendo que diferentes plataformas geram resultados distintos.

Mais do que uma ferramenta técnica, a IA Generativa se destaca porque tem a capacidade de “falar a mesma língua” das organizações. Ela compreende o vocabulário do impacto social, os conceitos de direitos humanos, editais, marcos regulatórios e desenvolvimento comunitário e podemos ensiná-la sobre a realidade específica da nossa instituição.

Nas versões gratuitas, fazemos isso abastecendo o início de cada conversa

com o contexto organizacional, colando no chat a missão, o público-alvo ou o modelo de texto que desejamos seguir. Já quando passamos a utilizar recursos de personalização avançados, como os Gems (no Gemini) ou os GPTs Personalizados (no ChatGPT), podemos desenvolver um assistente especialista fixo para ser compartilhado entre os colaboradores. Em ambos os caminhos, a lógica é a mesma: alimentamos a IA com a nossa identidade, histórico de projetos e relatórios habituais para que ela deixe de dar respostas genéricas. Uma vez estabelecido esse alinhamento, a inteligência institucional acontece.



Toda essa agilidade, porém, nunca deve nos fazer esquecer que a tecnologia é um meio, e não o fim. No ecossistema do Terceiro Setor, a Inteligência Artificial não substitui a atuação humana. O sistema pode processar inúmeras informações em segundos e sugerir caminhos estruturais, mas falta a ele aquilo que constitui a alma de uma OSC: a empatia, a escuta ativa, o discernimento ético e o afeto. A definição dos objetivos, a decisão final, a revisão crítica de cada texto e a sensibilidade para compreender as sutilezas de uma realidade vulnerável serão sempre do profissional.

Além disso, é preciso responsabilidade com as informações compartilhadas. Tratar os dados com ética e zelo é uma forma de respeitar a história de cada beneficiário, parceiro, colaborador e doador. O segredo é usar essas ferramentas para a inteligência de processos, mas nunca inserir dados pessoais sensíveis, nomes de assistidos ou documentos confidenciais que possam expor a privacidade das pessoas atendidas e da gestão institucional. A tecnologia deve dar velocidade à nossa capacidade de análise e escrita, enquanto a identidade daqueles que protegemos permanece guardada sob o mais absoluto cuidado.

## Transformação digital e fortalecimento de parcerias

É sob essa ótica da transformação digital da gestão que o diálogo intersetorial ganha uma nova camada de valor. Para as empresas parceiras e gestores públicos que investem no ecossistema social, apoiar e finan-



ciar o desenvolvimento institucional das OSCs não deve ser visto como um custo administrativo secundário, mas como uma estratégia inteligente de mitigação de riscos e maximização do retorno social.

Uma OSC que domina seus processos, governa seus dados e utiliza a tecnologia com maturidade é uma parceira que entrega relatórios mais precisos, presta contas com excelência e multiplica a eficácia de cada centavo captado. Afinal, uma sociedade civil forte e organizada



é o alicerce para parcerias intersetoriais verdadeiramente seguras, transparentes e de alto impacto.

Fortalecer institucionalmente uma organização é, portanto, um ato de coragem e de compromisso com o futuro. O caminho que une a paixão inicial pela causa à maturidade de uma gestão baseada em dados e processos eficientes não se faz do dia para a noite, mas sim por meio de pequenos e consistentes passos diários.

Ao olharmos para dentro, ao planejarmos onde queremos chegar e ao adotarmos a tecnologia com inteligência, responsabilidade e, acima de tudo, humanidade, não estamos apenas otimizando o trabalho de escritório. Estamos atuando com propósito, ampliando nossa credibilidade perante o ecossistema intersetorial e garantindo que a transformação social que promovemos hoje tenha fôlego para continuar florescendo e mudando realidades por muitas e muitas gerações. **V**

Ao longo destas páginas, conhecemos histórias de coragem, encontros, aprendizados e transformação. Vimos que, quando organizações são fortalecidas, pessoas encontram novas possibilidades; quando territórios são valorizados, comunidades florescem; e quando diferentes atores caminham juntos, o impacto social se torna mais profundo e duradouro.

O Programa Caminhos reafirma uma convicção que move o CeMAIS há duas décadas: grandes transformações não acontecem de forma isolada. Elas nascem da colaboração, da confiança, do compromisso e da capacidade de construir pontes entre pessoas, organizações e territórios. Como nos lembra Beto Guedes, “Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois”.

Que este seja apenas mais um capítulo de uma história que continua sendo escrita por muitas mãos, muitos sonhos e muitos caminhos compartilhados.





Acreditamos que  
as organizações são  
capazes de gerar  
**impacto social.**

Há **20 anos**, em Belo Horizonte, nasceu o **CeMAIS**, uma organização social potente, que funciona como **hub de soluções** de fortalecimento do Terceiro Setor. A partir de BH, **impulsionamos** o ecossistema de impacto social por meio da **conexão, conhecimento** e do **fortalecimento** das Organizações da Sociedade Civil (OSCs) por **Minas** e pelo **Brasil**.



Saiba mais em  
**[cemaais.org.br](http://cemaais.org.br)**

PROGRAMA

# CAMINHOS

REALIZAÇÃO:

